

CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE FRENTE A ALUNOS COM TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS

Lidia Maiana Miglioranza¹

Samira de Moraes Maia Vigano²

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Inclusão escolar. Tecnologias Educacionais.

1 INTRODUÇÃO

Tem sido um grande desafio para a educação os alunos com transtornos psicológicos e estes demandam muitas vezes recursos pedagógicos específicos.

Os transtornos psicológicos se caracterizam por disfunções no funcionamento da mente, que podem afetar qualquer pessoa e em qualquer idade e, geralmente, são provocados por complexas alterações do sistema nervoso central.

No contexto atual a ansiedade, a depressão e déficit de atenção entre outros transtornos são, cada vez mais frequentes em crianças e adolescentes, tem se a necessidade de que esses transtornos possam ser identificados o quanto antes para que não prejudiquem o desenvolvimento do aluno na sua adolescência e na fase adulta.

Precisa-se utilizar de recursos para orientar os professores como trabalhar com os alunos que apresentam transtornos psicológicos e orientar a família quanto ao encaminhamento para um profissional especializado quando necessário. Nessa capacitação podem ser trabalhados temas como questões relacionadas a resistência e aceitação dos distúrbios devido aos estigmas e preconceitos e procedimentos que os professores devem ter em sala de aula.

¹ Psicóloga. lidia_mayana@yahoo.com.br

² Doutora em Educação. samira.vigano@ifsc.edu.br

Nesse contexto os professores são vistos como os profissionais mais adequados para identificar transtornos psicológicos em alunos porque estão em contato diário com eles. Sendo assim, se estiverem bem preparados, poderão contribuir para a diminuição do sofrimento e eventuais prejuízos, como o mau desempenho escolar, evasão, envolvimento com drogas ou atividades ilegais.

Para Pereira (2013):

[...] eles são, muitas vezes, os únicos profissionais que mantêm contato com essas crianças. Além disso, os professores, pelo grande número de horas diárias que passam com muitas crianças, têm potencialmente a habilidade de discriminar os cursos típicos e atípicos do desenvolvimento. (PEREIRA, 2013, p. 13).

Pereira (2013, p. 13), ainda afirma: “Em relação aos professores, é fundamental capacitá-los para identificar problemas de saúde mental em crianças já que eles não recebem treinamento para tal em sua formação.”

Pois, a nova geração de crianças e adolescentes está sendo atingida pelos transtornos psicológicos que podem derivar de diversos fatores que, muitas vezes se relacionam com questões desde a concepção, se a mãe faz o pré-natal no 1º trimestre ou se faz um pré-natal tardio, se ela possui bons hábitos de vida não saudáveis, faz uso e abuso de álcool e drogas entre outros fatores. E cada vez mais essas crianças estão sendo matriculadas nas escolas, já que a nossa concepção de educação prevê escolas inclusivas, assim, os sistemas de ensino passam a ter responsabilidade da mesma e necessitam de uma atenção mais focada em sua aprendizagem, atendimento esse que às vezes não é o mais adequado, pois falta uma formação continuada dos professores e profissionais que estão atuando com esses alunos. Deste modo, as escolas têm encontrado muitas vezes dificuldade para trabalhar com esses alunos, e dê fato, fazer um processo de inclusão.

Espera-se como benefícios uma formação continuada dos professores e dos profissionais que estão atuando com esse aluno, fazendo com que eles se sintam melhores preparados para lidar com as dificuldades apresentadas pelos alunos, contribuindo para a diminuição do sofrimento e eventuais prejuízos como a evasão.

Metodologicamente, para contemplarmos os objetivos deste trabalho, faremos uma pesquisa bibliográfica e documental. Assim, como objetivo geral, buscaremos compreender as dificuldades que os professores encontram para lidar com alunos

com transtornos psicológicos em sala de aula. Tendo como objetivos específicos: identificar que recursos que podem ser utilizados em sala de aula com os alunos com transtornos psicológicos; verificar de que maneira a escola tem lidado com esses alunos no contexto atual e identificar as principais dificuldades que ainda se apresentam no processo de aprendizagem desses alunos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento utilizado classifica-se como pesquisa bibliográfica e documental, por ser baseada em livros, artigos, leis, artigos científicos e trabalhos monográficos. De acordo com Gil (2010, p. 29-31) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

Sobre pesquisa documental, o autor supracitado afirma que “vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas [...] se recomenda que seja considerada fonte documental quando o material consultado é interno à organização”.

Aderindo ao que afirma Gil, Michaliszyn e Tomasini (2008, p.51), expõem que a pesquisa bibliográfica e documental é “desenvolvida a partir de referências teóricas que apareçam em livros, artigos, documentos, etc.” Junior (2009, p. 49) adiciona ainda as fontes eletrônicas às definições anteriormente apresentadas, ao asseverar que a pesquisa bibliográfica “É o tipo de pesquisa na qual o pesquisador busca em fontes impressas ou eletrônicas (CD e ou internet), as informações que necessita para desenvolver uma determinada teoria”.

Por meio desses procedimentos metodológicos, será utilizado como aportes teóricos para as nossas discussões, as seguintes bases: Chalita, Coll, Imbernón, Luckesi, Mantoan, Nóvoa e Pimenta. Tais teóricos incluem-se na discussão, buscando elucidar questões referentes a formação docente, inclusão, tecnologias e avaliação.

3 FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PROFESSORES

3.1 Formação Acadêmica Inicial

Atualmente um dos maiores desafios para o fortalecimento da escola inclusiva é a formação dos professores. A perspectiva do professor sobre sua importância como parte integrante do processo educativo torna-se um dos meios para redimensionar o seu trabalho dentro da escola, resgatando e dando novos significados a sua prática pedagógica.

O professor, geralmente, pela falta de uma formação continuada significativa, não se auto avalia permanentemente. Segundo Mantoan (2003), os professores estão habituados a desenvolver sempre o mesmo trabalho e quando são submetidos a inovações educacionais como a inclusão de deficientes, tendem a rejeitar, pois o novo rompe com o esquema de trabalho prático que aprenderam a aplicar em suas aulas. Justificam-se, argumentando que não foram preparados para trabalhar com esses alunos.

Percebe-se que na medida em que as discussões sobre a educação se intensificam a transformação do papel do professor deve receber a mesma atenção, tendo em vista que o professor é parte responsável pela formação do cidadão, ele precisa ter uma formação adequada para que tenha consciência de seu papel transformador dentro da sociedade.

No caso de uma formação inicial e continuada direcionada à inclusão escolar, estamos diante de uma proposta de trabalho que não se encaixa em uma especialização, extensão ou atualização de conhecimentos pedagógicos. Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis. Como já nos referimos anteriormente, a inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um design diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional. (MANTOAN, 2003, p. 43).

Isso posto, nota-se que o processo inclusivo como a legislação propõe e como ela deve realmente ser, pressupõe mudanças na atual educação vigente, pois como está não garante e nem oferece condições aceitáveis para ser considerada de fato inclusiva. É preciso considerar não só os limites da formação dos professores, mas também os elevados números de alunos por turma e instalações inadequadas e precárias. Devem-se, portanto, procurar alternativas e formas diferenciadas que

permitam uma nova maneira de olhar e pensar a escola e os profissionais que nela atuam.

Um dos fatores essenciais para que o aprendizado seja favorecido é a qualidade que há na relação entre professores e alunos. Logo, precisa-se considerar as variáveis pessoais no processo de formação, visto que podem afetar profundamente a natureza das ações pedagógicas desenvolvidas por eles na sua relação com alunos com diferentes características, incluindo aqueles que apresentam diferenças ou dificuldades especiais.

Na formação inicial de professores, sem dúvida, é preciso mais que disseminar ensinamentos sobre a educação na diversidade e prover experiências práticas de ensino inclusivo (OMOTE, 2001). Dentro do processo de formação deve haver a capacidade de lidar com características psicossociais dos futuros professores, tais como as concepções que os mesmos têm sobre a Educação Inclusiva e a Educação Especial, levando a reflexões sobre e modificar conforme as demandas que surgem no processo de ensino aprendizagem.

No âmbito acadêmico, o conhecimento teórico e prático apresentado aos futuros professores pode ter relação com as concepções deles sobre Educação Inclusiva e Educação Especial.

Nesse sentido, por meio da sua ação educativa, os profissionais de ensino regular, nos diversos níveis, devem buscar atender de maneira adequada à diversidade do alunado. Essa ação “deve se pautar no respeito e no convívio com as diferenças, preparando os educandos para uma sociedade mais justa e solidária, contrária a todos os tipos de discriminação”. (ZÓIA, 2006, p. 23).

É necessário que o professor esteja em constante processo de formação, buscando sempre se qualificar, melhorando sua prática docente e seu conhecimento profissional, levando em consideração a sua trajetória pessoal, pois a trajetória profissional do educador só terá sentido se relacionada a sua vida pessoal, individual e na interação com o coletivo.

Ele deve formar-se com a capacidade de refletir sobre sua prática educacional, sobre sua docência, já que, é através do processo reflexo que irá se tornar um profissional capaz de construir sua identidade profissional docente. Dessa forma, ele será capaz de se adaptar às diversas e rápidas mudanças no campo educacional, enfrentando assim as dificuldades encontradas a realidade da sala de aula.

A prática e o ato de reflexão dessa prática exercida no espaço da sala de aula contribuem para o surgimento de uma ressignificação do conceito de professor, de aluno, de aula e de aprendizagem. De acordo com Schön (2000), aprender a conhecer é um processo demorado que acontece ao longo da vida, ou seja, é o aprender com suas próprias experiências. Schön (op.cit) propõe reformas curriculares para a formação de professores em que considera que para que haja uma formação reflexiva, isto é, para que o professor possa atuar de forma lúcida e confiante de seus atos, essa formação não pode ser voltada apenas para currículos prontos, ou seja, para livros e metodologias testadas nas universidades ou campos científicos, mas que essas metodologias e livros sejam aplicados nas escolas com professores e alunos autênticos.

O professor deve assumir o papel de facilitador e mediador do conhecimento, um participante ativo da aprendizagem dos alunos, proporcionando uma aprendizagem em que o aluno seja sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, pode-se perceber a importância do professor na sua própria formação e na formação dos educandos. Agindo como mediador, o docente está dando a oportunidade aos alunos a terem autonomia na construção do seu próprio conhecimento como forma de compreender a realidade social em que vivem.

A formação de um professor precisa de ferramentas que possam levar estes profissionais a refletir e a criar, em uma constante busca de aperfeiçoar sua formação. De acordo com Gebhard (1996, p. 14), existem várias ferramentas que ajudam o professor nessa formação, tais como:

- Conversar com outros professores sobre ensino;
- Trocar experiências sobre metodologias e práticas;
- Frequentar seminários e palestras sobre ensino;
- Ler sobre ensino, sobre o significado do ensino, sobre o papel e responsabilidade do professor na sociedade;
- Observar aulas de outros professores, conversar sobre problemas e práticas de ensino e levantar novas questões sobre essas práticas;
- Avaliar sua própria aula, ou seja, pedir a outros professores para observar suas aulas e em ordem, analisar os pontos negativos e

positivos, para que, com o olhar do outro, o professor possa saber a postura que os outros e ele mesmo tem sobre sua aula.

É preciso que o professor tenha consciência do seu papel social para que possa contribuir com o aluno a compreender a sociedade em que está inserido e a complexidade do conhecimento que se pretende adquirir, tendo como meta principal uma aprendizagem voltada para resolver os problemas que a vida nesta sociedade irá apresentá-lo, dando uma visão crítico-reflexiva das coisas que se apresentarão ao longo da vida. Com isso ele terá a possibilidade de compreender e interpretar os problemas que emergem no cotidiano.

Deve fazer do seu trabalho em sala um espaço de transformação não reprodução apenas, mas produzindo conhecimento através de uma reflexão crítica. Com isso, estará se beneficiando com os resultados obtidos para solucionar seus problemas e alcançar seus objetivos. A ideia do professor reflexivo proporciona uma ação educativa, cujo objetivo é romper com as visões simplistas de tratar o conhecimento, transformando-os e atos críticos. A prática educativa é percebida como um traço cultural compartilhado que estabelece uma relação com outros âmbitos da sociedade.

É por meio de um processo formativo capaz de mobilizar os saberes da teoria da educação que os docentes compreendem e desenvolvem as competências e habilidades necessárias para a investigação da sua própria atividade.

3.2 Formação Continuada

A formação continuada envolve fatores complexos e abrangentes e está ligada ao desenvolvimento da escola, do ensino, do currículo e da profissão docente. Esse processo de aprendizagem vai além da matéria a ser dada em sala de aula, traz consigo aspectos relevantes que constituem o ser professor. Neste sentido, a formação de professores vem sendo foco de análise por vários estudos e pesquisas nas últimas décadas.

Para poder compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas é necessário conhecer o professor, sua formação básica e como ele se constrói ao longo da sua

carreira profissional.

A formação continuada é entendida como parte do desenvolvimento profissional que vai sendo construída ao longo da atuação na docência, podendo apresentar um novo sentido à prática pedagógica

Trazer novas questões da prática e buscar compreendê-las sob o enfoque da teoria e na própria prática permite articular novos saberes na construção da docência, dialogando com os envolvidos no processo que envolve a formação (IMBERNÓN, 2010). Nesse sentido, a formação continuada pode ser analisada com uma ligação ao papel do professor; as possibilidades de transformação de suas práticas pedagógicas e nas possíveis mudanças do contexto escolar.

O trabalho do professor pode ser transformado em uma prática, que vai além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas, essa prática se baseará na teoria e reflexão da mesma para transformar o contexto escolar.

Neste contexto, a formação continuada contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, facilitando as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente elevando-a a uma consciência coletiva. A partir dessa perspectiva, a formação continuada conquista espaço privilegiado por permitir a aproximação entre os processos de mudança que se deseja fomentar no contexto da escola e a reflexão intencional sobre as consequências destas mudanças.

Como uma perspectiva de mudança, a formação continuada possibilita a experimentação do novo, do diferente a partir das experiências profissionais que ocorrem neste espaço e tempo orientando um processo constante de mudança e intervenção na realidade em que se insere e predomina esta formação.

A escola como lugar da formação de seus próprios professores têm dimensão emancipatória no processo que desencadeia as condições de mudança institucional e social que se deseja a partir do trabalho docente.

Essa formação é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, em um processo inerente ao desenvolvimento da pessoa humana, relacionando-se com a ideia de construção do ser. Envolvendo a aquisição de conhecimentos e aptidões; e atitudes e valores, implicando o aumento da capacidade de discernir e agir. Essa noção de educação envolve todos os universos da experiência humana, além dos sistemas escolares ou programas de educação não-formal.

Assim, Pimenta (1996), ressalta que no processo de formação, há de se reconhecer a identidade docente, pois essa:

Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos. (PIMENTA, 1996, p. 76).

Dessa forma, o processo implica na repetição e imitação, mas também apropriação e criação. Essa ideia associa-se à própria característica distintiva dos seres humanos, a capacidade de conhecer e querer saber mais, ultrapassando o plano puramente instintivo de sua relação com o mundo e com a natureza.

No ambiente educacional, a formação não abrange apenas o professor, mas também inclui os outros profissionais da educação, como os diretores, os orientadores educacionais, os supervisores pedagógicos e os administradores escolares. Contudo, este trabalho, restringe-se ao processo da formação continuada dos professores. Apesar de ater aos espaços propiciados formalmente pelas administrações escolares, sabe-se que os professores para construírem sua profissão, buscam subsídios teóricos também em outros espaços.

Para Valandro (2011):

De modo geral a formação em cursos de bacharelado não oferece condições suficientes referentes a didáticas específicas para o exercício do magistério. Desse modo, alguns professores adotam em seu trabalho de sala de aula uma prática didático-pedagógica de caráter empírico-intuitiva para exercer a profissão docente de modo satisfatório. (VALANDRO, 2011, p.17).

Entende-se que a formação inicial se dá a partir da graduação e é base importante para o exercício da docência. Mas, sendo insuficiente, requer do professor uma atitude de busca de uma formação continuada, ao longo de todo o exercício profissional.

Neste sentido, Nóvoa (1992) afirma que:

A formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto de saber a experiência. (NÓVOA, 1992, p. 25).

Podemos perceber e concordar com Pimenta (2001), que uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. A formação continuada tem como objetivo propor discussões teóricas que possam colocar os profissionais atualizados em termos de novas metodologias de ensino e, com isto, contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola e da educação.

No contexto de formação continuada além de práticas pedagógicas para o acolhimento das diversidades, o professor deve pensar em todos os alunos e utilizar como recurso didático as tecnologias que são tão presentes no dia a dia da nossa sociedade, que todo dia vem sendo modificadas para facilitar a vida e o trabalho das pessoas. Apesar de haver muita resistência a aderir essas novas práticas em sua didática, o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula se mostram bastante benéficas para o aprendizado, levando a um diferencial tanto no engajamento, quanto na aprendizagem ativa e no estudo personalizado, que leva em consideração as necessidades específicas de cada estudante.

Conforme dito anteriormente, conhecer novas teorias faz parte do processo de construção profissional, mas teorias não bastam. Faz-se necessário que estas mobilizem o professor a relacioná-las com seu conhecimento prático construído no seu dia-a-dia, com suas experiências. (NÓVOA, 1992)

Pode-se perceber com essa pesquisa bibliográfica que a formação continuada dos professores tem sido muito importante, destacando que este deve ir além de seu curso de formação para desenvolver novas práticas para enfrentar os diversos desafios que vão se apresentando no contexto escolar, além de trocas de experiências com outros profissionais. Porém, nesse contexto ainda há professores que tem dificuldade de aceitar essas mudanças, de mudar o seu método de ensino, de buscar formações continuadas.

4 INCLUSÃO ESCOLAR

4.1 Conceito de inclusão escolar

A nossa sociedade conforme o tempo passa, traz mudanças e sem que se

puдesse perceber se faz parte desse novo.

Segundo Mantoan (2003), ocorre que, sabendo ou nao, ha um movimento de sempre agir pensar e propor, refazendo, aprimorando, retificando, excluindo, ampliando segundo paradigmas. Esses paradigmas sao modelos que muitas vezes sao partilhados por um grupo como crenças, regras, normas, valores, princípios e que acabam, estimulando comportamentos, porém, em vezes, entra-se em crise com esses, pois se necessita de novos para poder solucionar problemas. A inclusão nesse contexto faz parte dos novos paradigmas conforme o texto a seguir:

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saida para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retracando. (MANTOAN, 2003, p. 12).

Dessa forma entende-se que inclusão escolar é o ato de acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e condições físicas ou psicológicas. O termo é associado mais comumente é inclusão educacional de pessoas com deficiência, mas na verdade, trata-se de incluir todas as pessoas, considerando as diferenças e acolhendo as diversidades. Esta ideia implica encarar a escola como um espaço em que todas as crianças e jovens têm o seu lugar para aprender e adquirir conhecimento e para desenvolver-se enquanto pessoa, respeitando os tempo e limites de aprendizagem.

Para que a escola seja transformada em inclusiva, tem-se um grande desafio, é um processo gradual, que requer empatia e ações que visem a equidade. Nesse contexto, o enfoque da formação dos professores  imprescindível, e o objetivo não deve ser o de adquirir conhecimentos, mas, sim, de desenvolver a capacidade de adquirir conhecimentos e compartilhá-los, tanto quanto os seus alunos, os professores têm que sentir-se incluídos.

É preciso que os problemas de aprendizagem deem lugar ao estudo e reflexão de ensino, assim ao invés de preocupações sobre como se deve ensinar, precisa-se compreender como os nossos alunos aprendem.

Atividades tão comuns como ditar e escrever, falar e ouvir devem ser totalmente

eliminadas pelos professores que nos seus espaços de formação precisam refletir suas práticas e criar alternativas que reconheçam que educar é muito mais do que preparar os alunos para fazer exames, decorar a tabuada ou reproduzir fórmulas e conceitos que não entendem. Segundo Freinet (2004, p. 13) “a educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida”.

Percebeu-se a importância de tornar essa teoria de inclusão uma prática diária do processo aprendizagem, proporcionando uma melhor interação entre alunos com transtornos psicológicos e os demais estudantes, além de uma melhor interação entre professores e alunos. Nesse processo destacou-se também o apoio de todos os profissionais do núcleo de ensino, que contribui no desenvolvimento do aluno tanto na aprendizagem, como no emocional e social do aluno, esse trabalho é feito com o aluno seja de forma individual ou no coletivo, estimula para que esse relacione melhor com os colegas e professores.

Percebeu-se como a escola tem um papel muito importante no processo de aprendizagem, pois deve oferecer suporte para que esse aluno tenha os recursos necessários para que suas necessidades sejam supridas. Sendo que, quando uma escola se torna inclusiva há uma manifestação social em defesa da igualdade de direitos, eliminando todo e qualquer tipo de discriminação. Dentro deste contexto, os projetos pedagógicos precisaram ser revistos, a escola passa a ser uma instituição democrática, um espaço onde todos têm o direito de receber educação de qualidade.

Neste aspecto, deve-se haver suporte em recursos material e humano como: formação específica e capacitação do docente; infraestrutura e recursos materiais adequados; reorganização da escola, tanto no aspecto físico e material; como na preparação de todos os funcionários envolvidos; parcerias com outros profissionais, como, psicopedagogo, neurologista, psicólogo, psiquiatra, assistente social, agente de saúde, fonoaudiólogo, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional.

4.2 Transtornos psicológicos

O transtorno psicológico, também conhecido como distúrbio mental, supõe uma alteração do comportamento e da razão de uma pessoa. Este transtorno faz com que, em alguns casos, não se possa levar uma vida normal, ou ocorra a necessidade de um tratamento constante para que se possa viver dentro da “normalidade”. Assim,

fala-se de transtorno quando o problema limita a vida da pessoa.

Segundo Estanislau e Bressan (2014), transtorno mental se caracteriza pela perturbação clinicamente significativa da cognição, da regulação emocional ou do comportamento do indivíduo, produzindo disfunção nos processos psicológicos, biológicos, genéticos, sociais e ambientais que, nem sempre, necessita de uma situação específica para se desencadear. Neste contexto, estão incluídas as doenças depressivas, muitas vezes encaradas de certo ponto vista como algo comum na adolescência. Período que podem apresentar humor deprimido ou irritabilidade, podendo ganhar ou perder peso, apresentar insônia ou sono excessivo, desinteresse pelas coisas que gostam e grande probabilidade ao uso de drogas.

Em Estanislau e Bressan (2014) *apud* CID-10 (1993), “o termo “transtorno” tem sido utilizado em detrimento do termo “doença”. Essa escolha reflete uma mudança do sistema classificatório que se concentrava mais nas causas das “doenças” e passou a concentrar-se mais na descrição dos “transtornos”. Os transtornos mentais se apresentam em condições diversas, podendo acontecer de alguém passar por um transtorno mental e prosseguir com a vida, se adaptando aos sintomas, pois, um transtorno mental pode oscilar o suficiente para apresentar um período de ausência de sintomas entre as crises. Há também os transtornos incapacitantes que geram prejuízos não só ao indivíduo, mas também à família e à comunidade onde vive; por serem os transtornos mentais uma complexa interação de fatores, podem surgir sem nenhuma causa aparente de estresse ou de acontecimento traumático na vida do indivíduo, por isso não necessita de uma situação específica para ocorrer.

4.3 Educação inclusiva de alunos com transtornos psicológicos

Ensinar é uma tarefa que envolve conhecimento acerca de como se dá o processo de ensino/aprendizagem; domínio do conhecimento a ser socializado; competência técnico-pedagógica; planejamento; intencionalidade pedagógica; competência para perceber e atender às especificidades educacionais dos alunos.

É um desafio, fazer com que a inclusão ocorra, sem perder de vista que além das oportunidades, deve-se garantir não só o desenvolvimento da aprendizagem, bem como, o desenvolvimento integral do indivíduo.

Conscientes de que é um desafio colocado aos professores e ao sistema de

ensino, e que, uma parte significativa continua “não preparada” para desenvolver estratégias diversificadas e inclusivas, entretanto, o aluno com deficiência está na escola, então cabe a cada um, encarar esse desafio de forma a contribuir para que no espaço escolar, aconteçam avanços e transformações, ainda que pequenas, mas que possam propiciar o início de uma inclusão escolar possível.

Para que um processo de inclusão possa ser efetivado, no atual modelo escolar brasileiro, deve-se repensar a escola e suas práticas pedagógicas, visando beneficiar alunos e professores. É preciso organizar e estabelecer o desenvolvimento de estratégias de intervenção que facilitem a implementação desta proposta.

Deve-se pensar que cada escola, cada turma, cada professor, cada aluno, possui suas especificidades e estão inseridos em diferentes realidades. Mas, é possível estabelecer algumas adaptações que possam contribuir de forma simples, prática e abrangente às diversas situações, dificuldades e necessidades existentes nas escolas, uma vez que os alunos com deficiência, já estão nas escolas, e a ideia é que se possa propiciar o início de uma inclusão escolar possível, no intuito de favorecer uma aprendizagem de qualidade para todos os alunos envolvidos no processo.

5. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

O processo de avaliação é uma prática que parte da atuação de qualquer educador. Ela consiste em uma ampla e variada discussão que deve ser aprofundada para que se possa saber se o instrumento utilizado tem contribuído ou não para promover conhecimento ou não para promover esclarecimento.

Segundo Garcia (2003 Apud DILIGENTI, 1998, p. 21) o:

Termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra “exame” era mais frequentemente utilizada para designar provas de conhecimento. Datam aos remotos 1200 a.C. as primeiras práticas de avaliação/exame de que temos notícia. Esses exames eram realizados pela burocracia chinesa com intuito de selecionar (somente junto aos homens) aqueles que deveriam ocupar cargos públicos. Desde seus primórdios, portanto, verificamos na avaliação a predominância de um componente seletivo em detrimento a qualquer aspecto educativo.

Nas escolas por muito tempo foi utilizada a palavra exame, nesse contexto os alunos eram submetidos a provas e por meio dela os professores calculavam o

conhecimento de cada um. O termo avaliação é um sinônimo que foi adotado para efetivar a mesma coisa, observar o conhecimento que o aluno obteve ao longo dos dias letivos. Atualmente isso continua ocorrendo, houve alguns avanços, não deixando de ter a mesma significância, porém ainda assim os professores preocupam-se com o “avaliar”.

Sabemos também que até um tempo atrás não se via falar nas escolas sobre dificuldades de aprendizagem, atraso cognitivo e deficiências, com o passar dos anos isso se tornou acentuado e passou a causar nos professores medos e receios em ensinar, logicamente que tantas mudanças ocorridas acabaram por fazer recuar parte dos professores pela falta de preparo em lidar com situações que até então era incomum ao seu dia a dia.

Podemos perceber que avaliar de um modo geral era algo difícil e se tornou ainda mais diante de tanta diversidade, porém a avaliação é um componente integrante na parte educativa e que precisa ser trabalhada e desenvolvida, uma vez que o próprio sistema exige e cobra para que seja realizada. Atualmente autores como Luckesi, Garcia, Diligenti e Caldeira entre outros vêm realizando estudos para verificar qual a contribuição da mesma no processo de ensino-aprendizagem inclusive na própria formação do indivíduo.

Podemos nos dar conta de que o nosso sistema educacional não se preocupa com índices de aprendizagem e sim com a aprovação e reprovação, com isso “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/ aprendizagem” (LUCKESI, 2003, p. 18), ou seja, na os alunos realizam avaliações constantemente, mas os conteúdos assimilados são poucos, reproduzindo uma pedagogia tradicional, onde “a avaliação está totalmente ligada à concepção tradicional, dando-se por meio de tarefas para casa e, quase que exclusivamente, pela prova escrita” (SÁ, 2014, p. 01), partindo da ideia a qual o professor fala, o aluno absorve e tem de reproduzir o mesmo na avaliação.

Em qualquer nível de ensino a avaliação existe, e está vinculada a natureza do conhecimento e é amparada por lei, tendo que existir. Num caráter científico se tornou um modelo de sociedade as avaliações pautadas em perguntas e respostas seguidas de uma nota que promoverá ou não o aluno para o ano seguinte. Avaliar transcende tal concepção, pois alunos, professores ou qualquer estudante que seja não se resume em perguntas e respostas decoradas sem atingir um objetivo, embora esteja

expresso isso em teorias e práticas que comumente se vê existem outras formas e outros meios de avaliar os quais aqui se abordará.

Segundo Gasparin (2014) :

O novo processo de ensino preconiza uma nova sequência de ação docente-discente: avaliação do professor; aprendizagem do professor; avaliação dos alunos; ensino do professor; aprendizagem do aluno e reaprendizagem do professor; avaliação do professor e dos alunos. Esta fase é o que podemos denominar de prática social inicial do conteúdo e da avaliação. (GASPARIN, 2014, p.1976).

Avaliar então nesse contexto significa diagnosticar por meio de diversas atividades aquilo que o aluno aprendeu ou não ao longo do ano servindo assim para o professor uma análise de si também, passando assim por um processo dialético onde aluno e professor efetuam uma reflexão do ensino e da aprendizagem. O professor se torna o mediador, e, utilizando recursos e metodologias diversas na avaliação, garante melhores aprendizados de seus alunos.

Antigamente na escola ensinavam-se os alunos para o lado vocacional (em relação ao trabalho), e o mesmo tinha que se adequar ao que a escola oferecia, para que seu objetivo de introduzir o aluno ao trabalho, ao mesmo tempo com formação na vida política e econômica, porém, não criticamente, pois cabia também à escola manter o controle social.

O modelo de avaliar com avaliações prontas está defasado, os professores precisam entender que alunos são avaliados diariamente diante de sua colocação, seus argumentos e interesse pelo assunto existente, o conhecimento além da sala de aula o qual podem buscar e trazer para a sala e compartilhar com o todo é satisfatório e não pode ser negado, nessa troca de conhecimento acontece à aprendizagem podendo assim servir como avaliação.

5.1. Reflexos físicos e psicológicos

Primeiramente temos que entender que o aluno é um conjunto de ações biológicas, físicas, psicológicas e cognitivas funcionando assim como um relógio, quando uma das partes para de funcionar o todo acaba sendo atingido. Na

aprendizagem não ocorre diferente, são situações de circunstâncias, mas intimamente relacionadas.

Quando o aluno é inserido na escola ele já traz junto consigo uma bagagem de vida um tanto quando relativa, e hoje frente a tantas mudanças ocorridas a maneira de avaliar apenas por provas vem deixando nos alunos medos, traumas que acabam refletindo na saúde física e mental dos alunos, que muitas vezes fazem uma imagem do professor visto como perseguidor, carrasco entre outros linguajares que deixam marcas profundas.

Pela avaliação, nós professores, muitas vezes, “matamos” nossos alunos, matamos a alma bonita e jovem que eles possuem; reduzimos sua criatividade, seu prazer, sua capacidade de decisão. E a seguir, reclamamos que nossos alunos não são criativos. Como poderão ser criativos, se estivemos, permanentemente, a estiolá-los aos poucos com nosso autoritarismo arbitrário? (LUCKESI, 2003, p.76).

Podemos perceber que se a capacidade criativa do aluno for reduzida, pode ir modificando algumas questões, pois a nossa memória tem uma capacidade extraordinária de gravar tudo o que se é aprendido, mas na escola isso nem sempre é levado em conta fazendo com que os alunos percam a cada dia o interesse, ficando desmotivados e deixando de ver o lado bom da aprendizagem perdurando apenas o lado negativo que criou, ou melhor, que foi levado a criar devido a tantas pressões e cobranças.

Piaget nos diz (1988, p. 41) que:

O sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os sentimentos futuros. É nesse sentimento primitivo que irá moldar as emoções e comportamentos mais profundos. Portanto, a afetividade na fase escolar e na adolescência do educando se apoia na direta relação afetiva dos pais e professores.

Ao chegar ao ambiente escolar a criança acaba percebendo os sentimentos que mais predominam nela, muitos deles algo que vivenciam em casa e que podem acabar se agravando na escola ao realizar avaliações, pois a criança já foi submetida a uma pressão em casa, como castigos, ameaças, entre outros.

Quando o professor diz pro aluno se você não for bem na prova pode reprovar, acaba muitas vezes gerando no mesmo uma certa angústia que pode acompanhá-lo durante toda vida escolar, afinal a partir do momento que ela é exposta a esse tipo humilhação e cobrança ela acaba por si só dizendo internamente para si as mesmas

coisas. Assim como no decorrer do ano a mesma pode superar ela também pode nunca mais se libertar e trazer prejuízos emocionais e cognitivos futuros.

Muitas crianças estão sendo submetidas diariamente a esse tipo de cobrança e muitas delas não sabem reagir à frente de determinada situação porque não desenvolveram nelas o espírito de autonomia sempre dependendo então de alguém para guiá-las que de fato já nos mostra que os problemas podem ser ainda maiores.

Os problemas emocionais costumam manifestar-se em forma de ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. A gravidade desses problemas emocionais é muito variável, pois tanto podem ser psicoses infantis ou manifestações de situações conjunturais de estresse mais relacionadas com a vida cotidiana familiar, escolar ou social. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 115).

Podemos perceber que a maioria dos problemas emocionais é gerada ainda na infância e ao longo da vida vão se acumulando desenvolvendo transtornos, desvios de comportamento e até psicoses. Com as mudanças nas estruturas familiares, a relação familiar vem sendo comprometida, diferindo de antigamente, o ambiente familiar pode até ser bem estruturado, porém na escola vai ter contato com uma outra realidade que pode acabar ocorrendo problemas ou o contrário. Nesse sentido devemos dar a devida importância, pois os ambientes escolares e familiares podem gerar problemas que se não são resolvidos podem acabar piorando e agravando ainda mais a situação.

Alguns professores tem essa percepção de que a dimensão afetivo-emocional está intimamente relacionada com o sucesso ou fracasso escolar; frequentemente, é utilizada para justificar o não aprender. De modo geral, o enfoque dessa dimensão restringe-se quase exclusivamente a um ponto de vista que enfoca a falta, a carência, as impossibilidades e que durante a avaliação tudo fica legitimamente visível e notável.

Para se resolver parte dos problemas cognitivos, emocionais e físicos que surgem nos espaços escolares e que por sinal estão cada vez mais comuns é necessário que a afetividade entre em cena e transcenda da crise atual de aprendizagem para um novo plano, o plano da emoção.

Alunos que precisam de afeto. E só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. (...) Que o professor amenize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do aluno. (CHALITA, 2001, p. 248).

Nesse contexto, percebemos que o bom desenvolvimento no aluno no espaço escolar depende muito de seu estado emocional, pois alunos que dormem tarde e acordam cedo não realizam as horas diárias de sono necessária e com isso durante a aula pode ocorrer picos de sonolência, o que interfere na aprendizagem, alunos que convivem em um ambiente familiar conflituoso chega a escola com necessidade de carinho e atenção e não consegue se concentrar, porque aquilo que precisava receber em casa ele precisa buscar em outro lugar, alunos que são criados sob pressão em casa e na escola sua tendência é ir ao declínio.

Diante destas situações e tantas outras que podem aparecer, os alunos agregam tudo isso e quando chega o dia da temida avaliação os mesmos entram em conflitos internos com os externos não realizando com sucesso e sendo colocado num ponto onde é ruim ou fraco e que nada sabe. Nesse sentido percebemos a necessidade e que os professores devem levar em conta não somente o ensino, mas as vivências do aluno. Sendo assim, acabam se questionando como proceder em uma avaliação, pois ao se usar somente a maneira classificatória se estaria igualando a todos então cabe um momento de reflexão e usar a maneira diagnóstica e mediadora para intervir na aprendizagem destes alunos.

Vasconcellos (1995, p.37) nos coloca que:

A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, "branco", medo, angústia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de autoimagem negativa. Uma escola que precisa recorrer à pressão da nota logo nas séries iniciais, é certamente, uma triste escola e não está educando, é uma escola fracassada.

Para que os alunos não se sintam excluídos e para que vejam a avaliação com outros olhos, uma alternativa indicada é a auto avaliação, onde Sant'Anna explica:

A auto avaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. Graças a ela os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar as suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos fortes, necessidades e êxitos na concepção de propósitos. Eles desenvolvem sentimentos de responsabilidade pessoal ao apreciar a eficácia dos esforços individuais e de

grupo. Aprendem a enfrentar corajosamente as competências necessárias em várias tarefas e a aquilatar suas próprias potencialidades e contribuições. Uma vez que se espera do aluno a responsabilidade por sua própria aprendizagem, é importante que se considere que isto somente ocorrerá se ele tiver uma visão clara do que está tentando obter e de como está agindo a respeito. Quando o desejo de melhorar ocorre, como decorrência de suas percepções e análises, ocorrerão melhores condições para se aperfeiçoar. (SANT'ANNA, 1998 p. 94).

Nesse contexto o aluno pode ter a oportunidade de se auto avaliar e assim saber como está se portando diante do ensino e diante de seu desempenho no processo de aprendizagem. Para os professores, essa metodologia de avaliação é uma ótima alternativa para um processo de inclusão dos alunos também na parte burocrática da escola, possibilitando-os a calcular suas notas, pensarem nos problemas encontrados, e buscar melhorias e soluções para os mesmos.

Depois que o professor conceitua e explica o método para os alunos, a primeira aplicação deve ser feita com cuidado e sempre com o auxílio do professor. O compromisso e a parceria entre aluno e professor é primordial para que o aluno tome confiança e analise seus erros e acertos, como aborda Martinez:

[...] sem dúvida, a auto avaliação é um momento essencial do processo geral de avaliação, como elemento corretor para chegar aos objetivos pessoais assumidos, e só é possível dentro de uma comunicação individualizada professor-aluno, tendo metas qualitativas concretas a alcançar na atividade e não um resultado centrado na pessoa, que atende contra a autoestima. (MARTINEZ, 2003, p.178).

Quando o professor e o aluno constroem uma relação baseada na confiança, faz com que o aluno a fique instigado e motivado ir mais além. Ao observar e estabelecer objetivos dá ao aluno esperança e cresce nele, o conceito de que a avaliação não é um ato maldoso do sistema de educação, e sim, o controle do trabalho feito por ele, pelo professor e pela instituição.

6. TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA

A forma de transmitir conhecimento foi passando por modificações ao longo dos anos, houve um tempo em que ele era transmitido nas relações pai-filho, artesão-aprendiz. Hoje em dia qualquer pessoa pode ter acesso a informação através da TV ou navegando em sites de busca na internet.

O acesso a informação através de ferramentas tecnológicas que todas as pessoas independente de faixa etária, condição social ou econômica podem conhecer a respeito de qualquer assunto, faz com que seja importante refletir sobre o lugar que a escola e o papel do professor no processo de construção do conhecimento do aluno.

Segundo Gadotti (2009, p.5), é o professor:

[...] que constrói sentido, transforma o obrigatório em prazeroso, seleciona criticamente o que devemos aprender. Esse profissional transforma informação em conhecimento porque o conhecimento é a informação que faz sentido para quem aprende.

Questiona-se então, e a tecnologia que lugar ocupa no processo de escolarização? Essas ferramentas tem participação no modelo atual de escola que tem sido pautada na inclusão?

Com o surgimento de novos recursos digitais de comunicação e a proliferação de aplicativos computacionais e suas possibilidades de uso, percebemos o crescente uso da internet em nosso cotidiano.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trouxeram inúmeras alterações no cotidiano, mediadas por múltiplas e sofisticadas tecnologias, que engendraram novas formas de pensar, de agir e de comunicar-se (PORTO, 2006).

Segundo Alonso (2008, p.748):

[...] carregar o fenômeno da globalização e seus reflexos nos vários âmbitos da vida humana é importante, à medida que, por meio de uma série de reconstruções de nosso cotidiano, podemos entender como foi alterada nossa percepção sobre o mundo. Tempo, espaço e trabalho são afetados pelas dinâmicas que configuram nossas relações, nossa maneira de ser/estar no mundo.

Nesse momento que estamos vivenciando uma grande globalização e uso de novas tecnologias em todos os âmbitos da sociedade, podemos perceber o favorecimento da inclusão de pessoas. Nesse contexto, os indivíduos mais vulneráveis à exclusão são aqueles que apresentam limitações e necessitam de um

suporte que auxilie na superação de obstáculos impostos por estruturas rígidas de acesso à informação e conhecimento.

Para Martorelli (2004, p.103):

As escolas, como instituição social inclusiva, devem promover o acesso aos saberes e às formas culturais da sociedade a que pertencem. Assim, a tecnologia não poderia ficar de fora desse contexto, principalmente se levarmos em conta que a criança e o jovem da atualidade são criados imersos neste mundo tecnológico. Assim como foi outrora com o surgimento das mais variadas formas de comunicação.

Nossa sociedade contemporânea é sustentada pela tecnologia que se encontra presente em nossas vidas de forma direta ou indireta, na utilização ou nos serviços. As escolas nesse contexto devem romper com o óbvio, incorporando tecnologias no sentido pedagógico, pois ela potencializa o que já existe, também se torna papel fundamental da escola proporcionar aos alunos o contato com novas tecnologias e usá-las para o maior desenvolvimento de sua própria aprendizagem. Mesmo assim considera-se que o ensinar e o aprender ainda são questões complexas, responsáveis muitas vezes pelo fracasso escolar, principalmente em se tratando de educação inclusiva, levando a olhar a tecnologia como uma aliada importante dentro de uma proposta pedagógica séria.

Percebemos então o quanto se faz necessário a mudança de olhar do professor para o uso das novas tecnologias na Educação, assim a participação de todos é fator essencial para a inovação, interação e inclusão.

Pode-se destacar o uso do Pinterest, que pode ser utilizado para o compartilhamento de todos os tipos de imagens, como fotos de ecossistemas naturais, mapas, gráficos e imagens de personalidades históricas. Esse ambiente pode ser usado para ensinar e interagir com os alunos, quanto para coletar informações e materiais para o desenvolvimento de planos de aula.

Nesse contexto também há um destaque para o Google Docs que pode ser usado para por professores para criar e compartilhar aulas, materiais de apoio, documentos, planilhas e apresentações. Também nessa mesma linha tem o Google Classroom funciona como uma sala de aula virtual que está disponível para celulares

Android e Iphone(IOS) sendo uma opção para professores que desejam complementar suas aulas com conteúdo à distância. Este permite anexar atividades e materiais em PDF, além da possibilidade da criação de perguntas rápidas que podem ser respondidas por meio de múltipla escolha ou respostas curtas, também está disponível na web como site.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que a formação influencia bastante na postura que os educadores poderão adotar como referência à sua prática profissional. Nesse sentido, se faz importante a atualização para o ensino e a inovação da prática pedagógica. É por meio da formação continuada que os professores e conseqüentemente a educação se aprimora, contudo alguns educadores demonstram-se desinteressados nessa formação, por questões relacionadas as condições sociais da profissão.

No contexto atual, o educador deve ir muito além do seu curso de formação inicial, que é insuficiente diante a demanda que a sociedade vem impondo, não é mais possível ministrar aulas somente com o que foi aprendido na graduação. É necessário pensar que trabalhar em conjunto trocando experiências com os colegas, utilizar recursos tecnológicos bem como as didáticas de cada área. Nesse sentido, o educador é um profissional em formação. Portanto, cabe ao professor refletir constantemente sobre suas práticas cotidianas, sendo que para ter capacidade de fazer uma leitura crítica da realidade no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário uma formação que não fique estática à formação inicial, pois é imprescindível que o profissional docente tenha como característica principal a pesquisa, com o intuito de estar constantemente se atualizando, investigando o universo que atua, e com isso alcançar resultados positivos nas aprendizagens de seus alunos. Contudo, finaliza-se questionando se os professores conseguem ter tempo e condições necessárias para tal formação?

8. REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Educação: A Solução Está no Afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DILIGENTI, Marcos P. **Avaliação Participativa no Ensino Superior e Profissionalizante**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org.). **Saúde mental na escola: O que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GASPARIN, João Luiz. **A Avaliação na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica**. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4557_2608.pdf >.

GEBHARD, Jerry G. **Teaching as a Foreigner or second language: a self development and methodology guide**. Michigan: The University of Michigan Press, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GLAT, R.; FERREIRA, J. R.; OLIVEIRA, E. da S. G.; SENNA, I. A. G. **Panorama nacional da educação inclusiva no Brasil**. Relatório de consultoria técnica, Banco Mundial, 2003

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem na Escola: Reelaborando Conceitos e Recriando a Prática**. Salvador: Malabares comunicação e eventos, 2003.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. (Org.). **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MARTINEZ, Albertina M. **Criatividade, personalidade e educação**. 3.ed. Campinas: Papirus, 2003.

MIRANDA, Teresinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1992

OMOTE, S. **A formação do professor de Educação Especial na perspectiva da inclusão**. In: BARBOSA, R.L.L. (Org.). **Formação dos Educadores: desafios e**

perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 153-169.

PEREIRA, Celina A. **Capacitação em saúde mental para Professores do Ensino Fundamental e seu impacto no ambiente escolar**. Dissertação – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PERRENOUD, Philip. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas Sociológicas**. Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote, Portugal, 1993.

PIAGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação**. Rio de Janeiro: Summus, 1988.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v.22, n.2, p.72-89, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579/36317>>.

SANT'ANNA, Ilza M. . **Por que Avaliar? Como Avaliar? Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SÁ, Robison. **Concepção pedagógica atual**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/pedagogia/concepcao-pedagogica-tradicional/>>

VALANDRO, C.: **O papel do supervisor escolar na formação continuada dos professores do fundamental II**. Tijuca: 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

ZOÍÁ, A. **Todos iguais, todos desiguais**. In: ALMEIDA, D. B. de (Org.). Educação: diversidade e inclusão em debate. Goiânia: Descubra, 2006. p. 13-25.